

O DIÁRIO DO ZEZINHO (12)

A ida para a creche



MANUEL PEDRO FREITAS *
Médico Pediatra

Segundo o pediatra, a creche apresenta-se no momento actual como um mal necessário. Resolve o problema dos pais que têm de sair de casa para trabalharem e não têm ninguém com quem deixar os filhos, mas acarretam outro tipo de problemas, nomeadamente o aumento do risco de doenças infecciosas.

Desde os 6 meses que, várias vezes, ouvia os meus pais falarem de creche. Contudo, nunca cheguei a entender o seu significado e, a verdade é que também não lhe liguei qualquer importância.

Aos nove meses, após a observação pelo pediatra, a minha mãe ao consultar o seu velho livrinho onde regista as suas dúvidas sobre os problemas que me afectam ou sobre as condutas a seguir na prestação de cuidados, lá desenterra a questão da creche. Que choque!

Com tanto tempo que passo em casa, junto dos meus pais, foi preciso ir ao pediatra para saber que a minha mãe ia começar a trabalhar numa loja de uma sua amiga e que, por esse facto, me iria despachar para um depósito de crianças, a que pomposamente dão o nome de creche. Curiosamente, desta vez, ao ser questionado sobre a problemática da creche, o pediatra defendeu-me com unhas e dentes, tentando dissuadir o meu “abandono” por parte da minha mãe.

Segundo o pediatra, a creche apresenta-se no momento actual como um mal necessário. Resolve o problema dos pais que têm de sair de casa para trabalharem e não têm ninguém com quem deixar os filhos, mas acarretam outro tipo de problemas, nomeadamente o aumento do risco de doenças infecciosas. Depois dos seis meses, nós os pequenotes, perdemos as defesas recebidas da mãe contra as infecções e começamos a fabricar as nossas próprias, num longo processo que se estende até aos dois anos. Durante este período estamos mais frágeis e susceptíveis de sermos contagiados por outras pessoas e adoecermos. Ora, nas creches, porque existem muitas crianças juntas, em espaços, na maior parte das vezes fechados ou pouco arejados, há sempre alguém constipado, com tosse e o resultado é todos se contagiarem e, com maior ou menor frequência, adoecerem. Depois, não se pode desprezar os efeitos da separação filhos-pais, principalmente se os filhos saírem de casa meios a dormir e ao chegarem a casa não houver tempo para um contacto familiar adequado. Afinal, nós putos, temos de ir cedo para a cama porque, no dia seguinte, também é preciso levantar cedo, o que faz com que algumas vezes o maior tempo de contacto pais-filhos se faça

na ocasião do transporte casa-creche e creche-casa, ou seja no carro!

Conhecendo como conhece a minha família, o pediatra ainda questionou a minha mãe sobre a necessidade de ela ir trabalhar e sobre a viabilidade de eu ficar aos cuidados das velhotas lá de casa. Contudo a minha mãe logo respondeu que, apesar de ter deixado de trabalhar, há alguns anos atrás, para se dedicar aos filhos, a vida começava a ficar difícil lá em casa. Quanto às velhotas, diria que eram óptimas, que serviam para cuidar de mim durante curtos períodos, mas que devido à sua idade não confiava nelas. Quando ouvi minha mãe dizer isto, sobre a minha avó e a minha tia-avó deu-me uma rai-va tão grande que nem sei o que fazia à minha mãe se eu fosse maior e tivesse força! Coitadinhas! São tão queridas para mim. Fartam-se de me pegar ao colo, de me darem beijinhos. Preocupam-se tanto quando eu não estou bem.

Uma semana depois da ida ao pediatra, estava eu a dormir calmamente na minha cama, quando de um momento para outro, sou acordado. Sem que tivesse tempo para pensar no que estava a acontecer, metem-me na banheira, dão-me banho, vestem-me e, em menos tempo que o diabo esfrega um olho, já estava no carro a fazer um percurso que até aquele momento desconhecia. Depois de alguns minutos e de ter ouvido o meu pai despachar uns palavrões para outros condutores que se atravessavam no seu caminho, o carro pára junto de uma casa grande e minha mãe sai comigo ao colo. Se já estava baralhado sobre o que estava a acontecer comigo, mais baralhado fiquei quando me entrega a uma senhora que estava à porta da casa e juntamente comigo ainda lhe dá uma mala, como se eu fosse iniciar um cruzeiro. Contudo, rapidamente me lembrei da conversa da minha mãe com o pediatra e do “depósito” de crianças. É claro que, quando caí em mim, desatei aos berros, principalmente quando vi minha mãe se afastar.

Este foi um momento terrível para mim! Ao longo do tempo tinha aprendido a ter confiança na minha mãe, sabia que ela me protegia, que não me fazia mal, nem deixava que alguém o fizesse, mas o que é que aconteceria com aqueles a quem a minha mãe me tinha entregue e fugido! Quanto tempo me iria deixar ficar ali! Seria que voltaria a ver minha

mãe, o meu pai, a minha irmã e as minhas queridas velhotas!

Que desânimo e aflição senti!

Alguns minutos depois colocavam-me numa sala onde estavam vários putos, uns do meu tamanho, outros maiorzinhos. Quando os vi senti-me mais seguro. Afinal de contas, não estava sozinho, junto comigo tinha pessoal da minha geração, pessoal supostamente fixe. Não demorou muito e até cheguei a me convencer que tinha arranjado uma namorada.

Era um amor. Quando me sentaram lá no chão, ela que era maior do que eu e já andava, veio sentar-se ao meu lado, passou-me a mão na cara e começou a beijar-me. Contudo, depois do primeiro beijo e quando pensava que ela já estava *no papo*, deu-me uma dentada que quase me arrancava a bochecha.

Que dor!

Depois deste dissabor, não quis saber de mais ninguém, nem dos putos da minha idade, nem dos adultos. Felizmente que pouco tempo depois ouvi uma voz que me era familiar e quase chorei de alegria. Era a minha mãe que me vinha buscar. Quando me viu vieram-lhe algumas lágrimas aos olhos, não sei se por me ter abandonado, se por ter visto, na minha bochecha, a marca dos dentes da Tânia, aquela que se tinha transformado na minha primeira decepção amorosa.

Depois de uma semana de creche, acabaria por me adaptar ao ambiente e a não cair na primeira ratoeira armada pelas miúdas. Contudo, tal como previra o pediatra, a minha vida naquele *depósito de crianças* não iria ser fácil. Ao décimo dia de permanência na creche, apanhei a mesma doença do que o Sérgio, um amigalhaço de 12 meses. Tal como lhe tinha acontecido dois dias antes, comecei a sentir uma má disposição, dores na barriga e acabei por vomitar tudo o que tinha e o que não tinha comido ao almoço. Não será preciso dizer que a minha mãe foi logo chamada para me ir buscar e ao sair da creche foi a correr para o pediatra que logo me diagnosticou uma gastroenterite.

Na minha vida era a primeira vez que tinha uma doença destas, o que preocupava e, de certa forma, culpabilizava a minha mãe. Segundo o pediatra, as gastroenterites definem-se por um aumento do número de dejeções e/ou diminuição da consistência

das fezes. Atingem sobretudo crianças abaixo dos 5 anos.

Mais frequentemente devem-se a infecções (virais sobretudo), ainda que também possam ser alimentares.

Em termos clínicos são tanto mais graves quanto mais pequena for a criança e caracterizam-se por febre, vômitos, dores abdominais e diarreia ocasionalmente com muco e sangue. A perda de líquidos e sua não reposição adequada — desidratação (língua seca, sede, olhos encovados, irritabilidade, oligúria) — é a consequência mais grave e pode levar à morte.

O tratamento consiste na reposição das perdas e na manutenção, na medida do possível, da alimentação, de forma a satisfazer as necessidades energéticas. Por esse facto é importante adoptar algumas medidas como:

- Liberalizar ingestão de água.
- Idealmente utilizar soluções electrolíticas equilibradas (*retrate, miltina, etc.*). Evitar refrigerantes por conterem excesso de açúcar e provocar diarreia osmótica e soluções dos desportistas.
- Evitar verduras, frutos crus e gorduras
- Aumentar constituintes antidiarreicos (arroz, cenoura)
- Não suspender leite (materno nunca). O leite artificial só substituir por leite sem lactose se diarreia prolongada. Diluição do leite é discutível.
- Se vômitos, os líquidos devem ser administrados frequentemente, mas em pequenas quantidades.

Como medidas preventivas há que:

- Lavar as mãos antes da confecção de alimentos.
- Lavar as mãos após utilização da casa de banho.
- Lavar as mãos após muda de fraldas.
- Esterilizar biberões de bebés pequenos. Felizmente que passados dois ou três dias já não tinha vômitos nem diarreia e, apesar de contrariado, mas sem alternativas, lá voltei à creche. ■

* *Pediatra*

Nota: Este texto é um excerto do relato da vida do Zezinho, um putinho nascido na maternidade do CHF no dia 25 de Dezembro de 2001 e que, aos 14 meses decidi, tal como a sua irmã, redigir o seu diário. Como não sabia escrever incumbi essa tarefa ao seu pediatra. Em números anteriores (1 de Março, 5 de Abril, 3 de Maio, 7 de Junho, 5 de Julho, 2 de Agosto, 6 de Setembro, 4 de Outubro, 1 de Novembro, 6 de Dezembro e 3 de Janeiro de 2004) foram publicadas as peripécias porque tem passado desde o nascimento.